

JUVENTUDE EM FORMAÇÃO: PARA UMA PRÁTICA EDUCACIONAL REFLEXIVA

Francieli Cristina Zamboni Holz¹

Fernanda Holz dos Santos²

Maria Pricila Miranda dos Santos³

RESUMO: Este artigo visa discutir questões pertinentes à formação das diferentes juventudes. É evidente que os problemas sociais contemporâneos, passam em grande parte, pela formação fornecida nas escolas. Afinal, a escola é parte fundamental da construção social dos jovens, e da sociedade em geral. Assim, busca-se discutir as questões que mediam a construção das juventudes em uma sociedade marcada pela diversidade sociocultural existente no mundo, e igualmente marcada pelo sistema capitalista. Este trabalho está organizado de acordo com os pressupostos da pesquisa qualitativa, e segue a o método de revisão bibliográfico. Após a análise de documentos, artigos e livros, sua construção é mediada de acordo com a relevância de tais materiais aos objetivos definidos. Ao final, conclui-se que a superação de uma sociedade marcada pela lógica capitalista, passa necessariamente pela transformação da escola.

Palavras-chave: Juventudes. Capitalismo. Educação.

574

ABSTRACT: This article aims to discuss issues relevant to the education of different types of youth. It is clear that contemporary social problems are largely related to the education provided in schools. After all, schools are a fundamental part of the social construction of young people and society in general. Thus, we seek to discuss the issues that mediate the construction of youth in a society marked by the sociocultural diversity that exists in the world, and also marked by the capitalist system. This work is organized according to the assumptions of qualitative research and follows the bibliographic review method. After analyzing documents, articles and books, their construction is mediated according to the relevance of such materials to the defined objectives. In the end, we conclude that overcoming a society marked by capitalist logic necessarily involves the transformation of schools.

Keywords: Youth. Capitalism. Education.

¹Pós- graduada em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação pela UNOESC. Discente do curso de Mestrado em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University.

² Pós-Graduada em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação pela UNOESC. Discente do curso de Mestrado em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University.

³Doutora em Geografia pela UFPE. Docente do curso de Mestrado em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University.

I. INTRODUÇÃO

Quando falamos em juventude, logo pensamos em uma fase da vida que é considerada intensa, cheia de vida, com manifestações de rebeldia, de questionamentos da realidade, de atitudes de ousadia, da busca incessante pelo sucesso (fruto da sociedade capitalista), por uma posição no mundo do trabalho, ou simplesmente pela busca constante de tentar se entender e entender o mundo que os cerca. De acordo com Gropo (2010, p.13) “A vivência do imediato, a vigência do instantâneo — tendências marcantes no modo de sentir o tempo e o espaço pelas juventudes modernas” fazem com que estas sejam características hegemônicas da juventude atualmente.

Ainda, segundo Gropo (*ibid.*), todas essas características, mais a tentativa de superação da ideia da juventude como simplesmente uma fase de preparação para a vida adulta, o que resume o pensar das teorias funcionalistas, tem-se a construção de identidades. Quer dizer, a formação de juventudes e não mais juventude, essa construção se dá pela diversidade sociocultural existente no mundo e que é marcada pelo sistema capitalista.

Discussir essas questões de juventude na contemporaneidade leva-nos a tomar duas decisões importantes: entender que a noção de juventude é uma construção social e cultural e, além disso, bastante diversificada; e compreender que a noção de juventude não pode ser definida isoladamente, mas a partir de suas múltiplas relações e contextos sociais. Nesse sentido, pensar a ideia de juventude é pensar sobre condições de gênero, raça, classe social, moradia e pertencimento religioso e não se pode esquecer também que é preciso contextualizá-la historicamente.

575

Mas quando falamos em juventudes não podemos esquecer que esta fase considerada uma fase ousada, é manipulada pelo sistema econômico do capitalismo que faz com que os jovens busquem muitas vezes, reforçar ou até mesmo firmar sua personalidade mediante o consumo de produtos ou equipamentos que vão fazer com que eles tenham a identidade de um certo grupo social, isto é, os jovens consomem muitas coisas para poder ter uma identidade aceita, ou melhor buscam a aceitação através do consumo.

Nesse sentido ocorre conforme as concepções pós-modernistas o que se chama de juvenilização da vida, ou seja, a juventude se torna um “signo”, um modo de ser mais desejado e consumido a partir de produtos que tornam isso possível. “Justamente a tendência foi a dos grupos juvenis criarem seus próprios mundos e de que estes mundos passassem a ser cada vez mais valorizados pela sociedade de consumo” (GROPPÓ. *ibid.*, p.16).

A indústria nesse caso entra com uma avalanche de opções em todos os sentidos, físicos, materiais, espirituais, corporais, fazendo com que esse modo de vida seja buscado de todas as formas. Para resumir, a juventude, passa a ser um “estilo de vida”, passa a ter uma identidade cultural e não apenas ser uma fase que passa. Como afirma Gropopp (ibid., p.14): “a juventude torna-se uma parte da vida humana que constitui uma identidade cultural própria, muito mais que uma fase passageira”.

Nesse sentido, este trabalho se configura como pesquisa qualitativa e discute por meio de revisão bibliográfica os aspectos concernentes à formação das juventudes, o papel da escola, do trabalho, e o meio pelo qual a alienação de tais juventudes, pelo sistema econômico capitalista, pode ser combatida. Assim, a construção social da identidade, por meio de uma educação voltada para tal, entra em discussão.

2. CAPITALISMO VERSUS JUVENTUDE VERSUS ESCOLA VERSUS TRABALHO

A formação da juventude que ai está passa necessariamente pela formação educacional recebida. E mais, o consumo e as informações distribuídas pelos meios de comunicação modernos tem papel relevante nesse processo.

Entre os meios de comunicação de massa, da televisão à grande imprensa, passando pelas rádios, revistas etc, assistimos a uma avalanche de produtos especialmente dirigidos ao público adolescente e juvenil (os cadernos teen nos grandes jornais, programas de auditório na televisão, programas só de rock ou de rap nas rádios e canais de televisão, revistas de comportamento, moda e aconselhamento etc.) (ABRAMO. 2007, p. 25).

576

O que Abramo destaca, é a forma como qual a juventude é devidamente direcionada a esse rumo em particular. Quer dizer, não só a escola é formatada para que os jovens abracem a lógica do capital, como toda a relação social é construída a partir dessa mesma lógica. Han (2017) esclarece que cada época é marcada por um tipo de enfermidade específica de seu próprio espaço/tempo. Dessa forma, a enfermidade, ou melhor dizendo, as enfermidades que marcam esse primeiro quarto de século são enfermidades que atingem especificamente a psicologia humana.

Nunca na história de nosso planeta a sociedade enfrentou tantos problemas psicológicos como o que enfrentamos agora. Doenças como o TDHA, a Síndrome de Burnout, ansiedade e depressão, estão no topo das listas de problemas de saúde da maioria dos países. Han (ibid.) destaca que ao contrário do que se possa pensar, não é um pessimismo, uma negatividade que aflige a juventude e lhe causa tantos problemas psicológicos. É antes, um problema marcado por

um excesso de otimismo, um excesso de positividade. Nossa sociedade atual é a sociedade da positividade.

O sistema capitalista se consolidou a partir do surgimento da indústria, dos avanços tecnológicos e da ciência, fazendo com que a sociedade sofra alterações significativas no seu modo de viver. Quando se fala em sociedade se inclui todas as pessoas, mas a geração que mais sofre com as alterações é a juventude que está sendo afetada diretamente com as inúmeras opções de consumo. Essas alterações provocadas pelo consumo interferem no modo de pensar e agir e também no próprio futuro dos jovens (SPOSITO; SOUZA; SILVA. 2018). Mas não só o consumo lhes afeta. O que se forma nessa sociedade da positividade exacerbada, são os fracassados. Em um mundo onde tudo é possível, basta querer, o fracasso é a marca daqueles que não conseguem.

Para além de tudo o que se tem falado é importante dizer que as juventudes, caracterizadas assim, por marcar a diversidade existente, vivem em constantes transformações e buscam de maneira bem legítima adentrar num mundo considerado dos adultos. Isto é, desde muito cedo os jovens estão buscando oportunidades de evoluir, trabalhar e encontrar uma posição de respeito na sociedade marcada e movida por um sistema que classifica as pessoas em classes e em que o consumo revela quem é a pessoa.

577

O consumo desenfreado para além de muitas das necessidades reais é quase o único objetivo imediato a ser atingido. Instaura-se uma lógica em que o ter se sobrepõe ao ser. Os possuidores de bens de consumo são considerados vencedores e para garantir esta imagem ampliam ainda mais o consumo e querem ser os primeiros a adquirir um novo produto no mercado (SANFELICE, 2013 p.82)

Nesse contexto tanto a escola quanto o mercado de trabalho se apresentam como caminhos para conseguir alcançar o futuro tão almejado, porém esses caminhos apresentam dilemas, muitas vezes difíceis para os jovens. Pois como foi dito, o capitalismo classifica as pessoas e com os jovens não é diferente, existe o jovem que estuda e trabalha, o jovem que não estuda, mas trabalha e existe o jovem que só estuda. Dentro dessas especificações existe um grande abismo que vai marcar como esse jovem vai alcançar seus objetivos ou mesmo planejar seu futuro. A escola que é para ser um espaço democrático se apresenta como reproduutora do sistema capitalista e o mundo do trabalho se apresenta totalmente desigual e injusto.

A educação institucionalizada das sociedades capitalistas se tornou um poderoso instrumento de formação das suas juventudes. Forma-se, molda-se o cidadão para o consumo. Forma-se, molda-se o cidadão para a alienação no trabalho e para a passividade conformada nas estruturas da sociedade (SANFELICE. 2013, p. 71)

A humanidade sempre associou a educação ao trabalho. Por meio da educação as gerações mais jovens desenvolvem as habilidades necessárias para a execução da técnica. E assim, o

processo de trabalho se vincula diretamente ao foco de ensino. Isso quer dizer que a forma como o ensino é realizado trará consequências para sociedade, já que a educação tem a capacidade de moldar o pensamento e o comportamento das gerações mais jovens (TOMMASI; CORROCHANO, 2020).

O debate se acentua à medida que os objetivos já não são mais tão claros, ou divergem de acordo com o pensamento particular de cada um. O processo pedagógico norteia o rumo da formação social, mas que processo se quer ver desenvolvido? Durante toda a história a divisão social operada pela educação determinou a formação cultural dos jovens, e da sociedade em geral. Isto é, a delimitação social de cada um esteve vinculada diretamente ao acesso à educação e a forma como está era realizada de forma segregada (DYRELL, 2007).

Dessa forma, no modelo econômico capitalista a educação teve como propósito a formação da classe trabalhadora com o objetivo de formar a juventude para exercer seu papel e sua condição estratificada de classe subalterna. A discussão que se origina dessa forma de educar para o trabalho, teve em Marx e Engels (2005) um ponto de ruptura. Os teóricos não mais defendiam uma educação para o trabalho, o que proclamavam era uma educação para a libertação.

Porém, a teorização de uma formação libertadora não foi plenamente desenvolvida por Marx. O que fez aflorar teorias a partir de pressupostos marxistas, como a politecnia. A politecnia como conjunto plural de conhecimentos teórico-práticos que visa à formação integral do sujeito, que significa oferecer a capacidade para a teorização, para a prática e para o exercício militar (MARX; ENGELS, *ibid.*).

Conforme dito acima, a falta de conceituação sobre a formação educacional da classe trabalhadora advinda do próprio Marx, fez surgir teorias que buscassem fundamentar seu pensamento nas concepções da escola, do trabalho e da politecnia. No Brasil, o principal teórico marxista apoiado a essa idealização é Demerval Saviani. Junto a outros teóricos, Saviani (1989) apresenta o conceito de politecnia e educação para o trabalho, apoiado na teoria marxista. A concepção do pensador é a de uma educação emancipatória que desvincule o processo hierárquico estabelecido entre o saber intelectual e o saber prático. A articulação promoveria, portanto, a capacidade para a emancipação e reconhecimento das estruturas de poder capitalista. Esse reconhecimento seria a chave, por meio da juventude em formação, para a mudança social.

Contudo, a concepção de Saviani e outros teóricos que partem diretamente de Marx para fundamentar uma proposta educacional emancipatória encontra contradições que se vinculam

ao fato de Marx jamais ter escrito uma teoria de formação educacional. Gramsci (2004) surge nesse ideário como fundador de um processo educacional contrário ao da escola profissional.

A associação estabelecida entre escola e trabalho deve ser refeita sob uma perspectiva humanista e desinteressada (GRAMSCI. *ibid.*). O italiano defende, sobretudo o papel da escola na superação da dicotomia de classes sociais. Mas diferente do apregoado pelo grupo de Saviani, Gramsci não recorre diretamente à teorização marxista para fundamentar sua concepção de formação educacional, é antes disso, complementar as ideias de Marx. A escola operou por muito tempo, e em grande medida ainda atua nesse sentido, apenas como reflexo da sociedade a qual faz parte, isto é, estratificando os jovens e direcionando para a vida em uma sociedade consumista (DYRELL. 2007).

É então a partir disso que Saviani (1989) vai discutir a concepção básica de Politécnica. Com intuito de romper essa formação dos jovens atrelada a lógica capitalista, Saviani aponta então, que a concepção deriva essencialmente da problemática do trabalho. O pensador esclarece que o ponto de referência para educação é a noção de trabalho, seria, portanto, o trabalho princípio educativo geral. A educação está fundamentada no princípio de estabelecer a formação geral dos homens. Os homens fazem parte de uma construção social que se estabelece por meio da troca de informações, de produtos, de conhecimentos. O cerne da construção social está

579

Para Saviani (*ibid.*) o homem afirma sua existência continuamente na forma como se relaciona com a natureza, isto é, ele necessita compreender para transformar a natureza, e nessa relação se afirma como ser constituinte de sua própria natureza.

Dessa forma, a ação sobre a natureza é guiada pelo homem com o intuito de transformá-la. Sua transformação também conserva objetivos. A antecipação da ação, guiada por um objetivo, da transformação da natureza se configura como a forma de trabalho e da relação entre o homem e a natureza. Os homens, ao transformarem e agirem sobre a natureza, afirmam sua existência e produzem seu próprio mundo, mundo humano. A cultura também é produto dessa relação que se estabelece. As modificações contínuas produzem diferentes formas de compreender e existir no mundo. A produção e a transformação da natureza se ampliam e se modificam, criando formas de produção e transformação, elas são em si mesmas fim e início (SAVIANI. *ibid.*).

Saviani (*ibid.*) vai destacar o papel que a educação realiza em todo esse processo de compreensão do homem sobre sua própria existência, em seu próprio afirmar-se no mundo. Ao

longo da história, diversas foram as formas dos homens de se relacionar com a natureza, a construção histórica que foi se estabelecendo distanciou o homem de sua forma natural e o vinculou dentro de um conjunto propriamente humano, construído historicamente de normas. Criou-se assim a necessidade de universalizar a escola como forma de fornecer a todos as condições para a decodificação dos códigos de escrita, isto é, a alfabetização.

A evolução da escola diante do sistema econômico capitalista vem na visão de Frigotto (2010), conceber uma educação voltada aos interesses econômicos, isto é, a formação de um “capital humano”. Frigotto (*ibid.*) esclarece que a educação como “fator econômico” é entendida de forma contraria a realidade, já que opera sob a concepção de uma equalização social. O autor então mostra que a “teoria do capital humano” disseminou-se no Brasil a partir de perspectivas de desenvolvimento econômico, transformando a educação no final da década de 60 em negócio.

Dessa forma, Frigotto (*ibid.*) cita o dualismo existente na educação com a formação direcionada de formas diferentes em cada classe social. Ele se refere à forma como as classes dominantes subordinaram a educação das classes trabalhadoras a um processo de habilitação pela técnica, e ideologicamente, para a execução do trabalho. Tratar-se-ia, portanto, “de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital” (FRIGOTTO, *ibid.*, p.28).

580

Saviani (1989) discorre sobre isso ao explicar que a sociedade capitalista, ao apropriar-se do sistema de ensino da classe trabalhadora, privou-a do conhecimento pleno. Dito de outro modo, o capitalismo tornou o conhecimento acessível apenas em partes para o trabalhador, as partes que o interessam, ou seja, que lhe dão o subsídio necessário para a execução do trabalho.

A juventude que se forma a partir desse contexto, só pode operar na realidade que lhe é concernente. Quer dizer, se a formação é orientada para o trabalho estratificado, e a reprodução do capital em suas diferentes esferas, no consumo, nas práticas de lazer que também são relações onde existe a reprodução do capital, a juventude se encontra alienada a essa realidade, sem a disposição ou a capacidade para romper com esse sistema (DYRELL. 2007).

É nessa concepção que se insere o ensino profissionalizante. A fragmentação do trabalho em especialidades vincula-se ao dualismo que cita Frigotto (2010). O ensino profissionalizante é destinado à formação da classe trabalhadora, enquanto o científico-intelectual é destinado às classes dominantes. Frigotto (*ibid.*) destaca esse aspecto dualista como forma de reiterar a segmentação e o dualismo, com o objetivo de subordinar o processo educativo aos interesses da reprodução das relações sociais capitalistas. A partir disso, Frigotto (*ibid.*, p. 34) esclarece que a

educação contrariamente a perspectiva capitalista, fundamenta-se em um processo de qualificação:

A qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir histórico. Está, pois, no plano dos direitos que não podem ser mercantilizados e, quando isso ocorre, agride-se elementarmente a própria condição humana.

Saviani (1989, p.15) postula então o conceito de politecnia, ao referir-se como “o processo de trabalho desenvolva, numa unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais”. Sobre isso, ele destaca que não existe uma diferenciação clara entre o trabalho intelectual puro e o trabalho manual puro, ambos conservam elementos do outro em si. A separação, portanto, não pode ser absoluta, apenas relativa. O que ocorre, é a separação de elementos predominantemente manuais, destinados à classe trabalhadora, e elementos predominantemente intelectuais, conservados pela classe dominante. Assim, “o que a ideia de politecnia tenta introduzir é a compreensão desse fenômeno, a captação da contradição que marca a sociedade capitalista, e a direção de sua superação” (SAVIANI, ibid., ibidem.).

Para Saviani (ibid., ibidem.) a superação dessa distinção só pode ocorrer por meio da “superação da apropriação privada dos meios de produção”, seria a materialização da socialização dos meios de produção. A socialização permitiria, na visão de Saviani, que a divisão entre trabalho manual e intelectual fosse ultrapassada. A politecnia, nesse sentido, seria o domínio de diferentes técnicas características do processo de produção moderno. Dessa forma, dominando as diferentes técnicas inerentes ao processo de produção, o sujeito se vê amparado para desenvolver as diferentes modalidades de trabalho.

581

Não se trata de um trabalhador que é adestrado para executar com perfeição determinada tarefa, e que se encaixe no mercado de trabalho para desenvolver aquele tipo de habilidade. Ele terá um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abrange todos os ângulos da prática produtiva moderna na medida em que ele domina aqueles princípios, aqueles fundamentos, que estão na base da organização da produção moderna (SAVIANI, ibid., p.17)

Assim, Saviani (ibid.) passa a defender a instituição de um ensino capaz de formar identidade tanto para o sujeito, quanto para si mesmo, ou seja, a concepção de um ensino que possua identidade e que permita o fim da dualidade estrutural, a qual está vinculada a sociedade capitalista. Pizzi (2002) entende que o texto de Saviani argumenta principalmente contra o caráter de adestramento da educação profissionalizante que até então imperava no Brasil. Nisso se vincula a formação exclusivamente voltada para a execução de tarefas específicas.

Portanto, na compreensão de Pizzi (*ibid.*) o que Saviani tenta formular com a politecnia é uma vinculação mais direta entre o ensino médio e o trabalho. Porém, desvinculada do mercado de trabalho. A vinculação do ensino ao mercado de trabalho seria exatamente o contrário do pretendido pela politecnia, um adestramento do sujeito aos preceitos da técnica. Estabelecer um elo entre o ensino e o trabalho estaria então associado às transformações impostas pelo homem no domínio da natureza. Essa associação se daria de forma plural, tentando vincular o sujeito as diversas esferas do saber.

Como consequência para as juventudes, a formação tornar-se-ia emancipadora nos melhores termos freirianos. Para Freire (2003), a mais importante tarefa da educação está vinculada a sua necessidade de possibilitar aos seres humanos as condições para se tornarem eles sujeitos emancipados e de consciência livre. Desarrolhados de qualquer tipo de alienação e conscientes de sua própria realidade, formariam assim um conjunto social pautado pelos pressupostos da dignidade humana. Paulo Freire um dos maiores educadores brasileiros de todos os tempos, defendeu durante sua vida a educação libertadora, uma educação igualitária com propósitos nobres. Ensinar para libertar. A emancipação do oprimido frente ao opressor. A educação é um direito fundamental para a construção de uma sociedade crítica consciente, que luta pelo fim das desigualdades e injustiças.

582

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou explorar a temática da formação dos jovens para o mercado de trabalho e a forma como essa formação implica em consequências diretas para a vida adulta destes sujeitos. Não só a formação é direcionada de acordo com as características sociais, como a própria característica delimita as possibilidades de inserção social nos espaços.

O sistema econômico capitalista estratifica as classes sociais e impossibilita a ascensão em prol da garantia da manutenção dos atuais estratos. Nisso se insere toda a construção social, desde a formação de uma cultura apropriada para tal, como a formação de uma escola que dinamize essas relações e mantenha as condições inalteradas.

Conforme apontado, a modificação dessa realidade passa necessariamente pela transformação do meio de ensino. Modificar a realidade escolar é modificar a própria vida. Se a escola reflete a lógica capitalista, esta tende a tornar-se ainda mais hegemônica. Do contrário, a ruptura pode se tornar possível a partir de um ensino articulado aos preceitos da educação para a emancipação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: Unesco, MEC, ANPEd, 2007.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 74. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FRIGOTTO, G. A. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. 6^a ed. Cortez editora: São Paulo, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, volume 2. Edição e tradução, COUTINHO, C. N.; co-edição, HENRIQUES, L. S. e NOGUEIRA, M. A. 3^a ed. RJ: Civilização Brasileira, 2004.
- GROOPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. *Ultima décad*. Santiago, v. 18, n. 33, p. 11-26, dic. 2010. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362010000200002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 29 agosto 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017. 128 pp.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Org. de Osvaldo Coggiola. 4^a reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.
- PIZZI, L. C. V. (). A politecnia no Brasil: história e trajetória política. *Educação e Filosofia*, 16(32), 117-147. 2008
- SAVIANI, D. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.
- SANFELICE, José Luiz. *Breves reflexões sobre “juventude” educação e globalização*. In: MACHADO, Otávio Luiz. Juventudes, democracia, direitos humanos e cidadania. Frutal: Prospectiva, 2013. 406 p.
- SPOSITO, Marilia Pontes, et al. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, vol. 44, dezembro de 2017.
- TOMMASI, Livia De. CORROCHANO, Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Estudos Avançados*, vol. 34, no 99, agosto de 2020, p. 353-72. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.021>.